ISSN: 2358-8829

A CRISE COM A DIVINDADE E O DESVELAMENTO DE SI EM *PERDOANDO DEUS*

Chrisllayne Farias da Silva [1]
Daniely da Silva Oliveira [2]

INTRODUÇÃO

A religião e a procura por uma divindade são formas pelas quais o sujeito busca respostas sobre a sua existência no mundo. O mistério da morte, as relações entre o ser humano e a natureza e os ideais de pertencimento formulam questões que mobilizam essa busca por respostas. Nesse sentido, a religião torna-se uma forma de compreender o mundo. Ela representa a noção de tradição e de verdade inquestionável, embora sua legitimidade passe a ser cada vez mais questionada.

Na modernidade, nasce a autocrítica da religião, relacionada à compreensão dos perigos que ela representa para a sociedade (Magalhães, 2012), sobretudo quando utilizada como instrumento de violência em contextos de guerras Em um segundo momento, intensifica-se a crise associada à morte de Deus, relacionada a percepção niilista sobre o mundo. Assim, o sujeito torna-se ainda mais dependente dos mecanismos de controle, como os vinculados aos meios de produção capitalistas, que também caracterizam a modernidade.

Embora a própria modernidade também possibilite a manifestação de diferentes experiências do sagrado, dessa vez sem a tutela religiosa (Magalhães, 2018), parte-se da compreensão de que o sagrado não depende da religião para ser. A transcendência, por sua vez, é a experiência do sagrado sem, necessariamente, se valer da religiosidade. Em Bataille (1993) essa experiência relaciona-se com a linguagem inaugural do sujeito, capaz de acolher suas complexidades e contradições, assim como a literatura e a poesia.

"A modernidade é o transitório, o efêmero, o contingente, é a metade da arte, sendo a outra metade o eterno e o imutável" (Baudelaire, 1996, p. 22). Nesse sentido, a modernidade

[1] Doutoranda em Literatura e Interculturalidade, pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), com pesquisa financiada pela Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (FAPESQ/Edital nº067/2025), pós-graduanda em Literatura e Ensino, pelo Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN), integrante do Grupo Interdisciplinar de Estudos Literários Lusófonos (GIELLus/CNPq) e do Grupo de Pesquisa de Estudos da Oralidade (GRUPEO/CNPq), chrisfariassilva@gmail.com;
[2] Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), integrante do Grupo de Pesquisa de Estudos da Oralidade (GRUPEO/CNPq), danielyoliveirassss@gmail.com.

ISSN: 2358-8829

insere o sujeito diante da morte de Deus e do desencantamento do mundo, mas também instituí novas formas de controle, orientadas pela busca de verdade inquestionável. Essa busca pode se orientar através de outros referenciais, como o trabalho, a realização pela Lei jurídica e pela norma moral, a perspectiva fundamentalista e a domesticação dos corpos. Assim, as liberdades e os valores passam a ser julgados por novos ideais.

Sobre a busca por um novo sentido, Silva (2016) afirma que, ao se distanciar dos fundamentos anteriores, como a própria noção de Deus, a modernidade instaura uma nova forma de compreender o sujeito, pautada na noção de liberdade. Por sua vez, a conquista dessa liberdade pressupõe o rompimento com a tutela religiosa. Nesse sentido, sob influência dos ideais do existencialismo e do desencantamento do mundo, o sujeito moderno passa a buscar verdades inquestionáveis e a estabelecer formas de controlar e domesticar tudo aquilo que está para além do seu pertencimento.

Considerando que, para Bataille (1933), o homem vivencia um movimento de pertencimento e não pertencimento, que também se relaciona às contradições da modernidade, a poesia, a literatura e a religião constituem linguagens fundamentais para expressão dessa experiência. É a partir dessa perspectiva que a crise com a divindade coloca em evidência um dos maiores questionamentos da humanidade: a necessidade do homem moderno e a incessante necessidade de recorrer a seus deuses, e, simultaneamente, a possibilidade de buscar a si mesmo por meio deles (Silva, 2016).

Mesmo afastado da tutela religiosa e dos limites que ela impõe à existência da transcendência, o sujeito continua a buscar formas de vivenciar o transcendente. Ao discutir a transcendência imanente em Nietzche, Tugendhat (2002) compreende que o sujeito não encontra esse equilíbrio sozinho e nem com o mundo, uma vez que não se contenta com a superfície das coisas, mas busca uma relação mais profunda com aquilo que o cerca. Nessa perspectiva, se o ser humano é marcado pela busca do que está para além de sua experiência imediata, o retorno à interioridade constituí uma das possibilidades de vivenciar a transcendência.

> O homem necessita para viver de um sentido da vida e, por isso, viu a sua tarefa numa reavaliação dos valores segundo a qual os homens deveriam ver o sentido da vida na própria vida ao invés de obedecer aos valores dados (valores supra-sensíveis), o homem criaria os seus valores. Isso significa que a transcendência para o sentido da vida voltar-se-ia para o interior do próprio ser humano (Tugendhat, 2002, p. 48).

Parte do estado moderno é lidar e compreender com aquilo que nos funda. A experiência do sagrado é uma forma de lidar com essa dimensão, pois considera a experiência corpórea e

ISSN: 2358-8829

compreende o sujeito na sua dimensão extrema, sem submetê-lo necessariamente a limites impostos por uma ética normativa. Nesse sentido, pode ser compreendida como uma experiência de transcendência que se volta para a intimidade e singularidade do sujeito. A poesia e a literatura também se apresentam como linguagens inaugurais dessa experiência. Deleuze e Guattari (2002), considera a linguagem poética uma linguagem por excelência, na medida em que assume esse sujeito multifacetado na sua intimidade.

> A poesia é essa linguagem que nos inaugura porque cria as principais imagens que nos constituem, e uma delas é a de que somos simplesmente errantes, mas ela é também a linguagem que nos desafia a sairmos dos nossos lugares ideologicamente construídos como cômodos (Magalhães, 2018, p. 34).

A linguagem poética e literária não está preocupada em corresponder a um sistema estruturante submetido à tutela doutrinária, como ocorre nas formas de controle do sujeito discutidas anteriormente. Também busca uma verdade inquestionável ou uma estabilidade (Magalhães, 2018). Ao contrário, a poesia também acolhe aquilo que é negado pela sociedade: o incerto, a possibilidade e a instabilidade. O que a literatura acolhe se encontra nos limiares, nas zonas fronteiriças. Por isso, considerar a poesia apenas como uma forma de representação do mundo não satisfaz o seu sentido. A linguagem poética e literária representa a própria experiência estética por meio da qual o sujeito cria, inova e transforma.

É por meio dessa linguagem que a experiência do sagrado pode ser vivida de maneira intensa, pois acolhe o sujeito em suas contradições, seus desafetos e seus prazeres, sem eliminar os aspectos que escapam às normas sociais. Considerando que a experiência do sagrado, quando medida pela religião, pode está submetida a mecanismos de domesticação dos corpos e à tutela religiosa, algumas sensações e emoções podem estar limitadas por essas normas. Diferenciando-se disso, é através da linguagem artística que o sujeito cria rotas de fugas em relação às sensações e afetos (Magalhães, 2018).

Buscando compreender a relação entre a literatura e o sagrado, uma vez que a linguagem literária constitui uma forma de o sujeito elaborar essa experiência, este artigo tem como objetivo analisar a figura de Deus, associada à concepção de uma divindade legítima e institucionalizada, é representada na escrita de Clarice Lispector e com essa representação é questionada diante da recusa à submissão à tutela religiosa. Além disso, busca-se compreender como o sagrado pode se manifestar na banalidade do cotidiano, como uma forma de lidar com a própria subjetividade do ser.

ISSN: 2358-8829

Para tanto, o artigo analisa o conto *Perdoando Deus*, publicada no século XX, no qual a experiência com o sagrado ocupa lugar central. Na narrativa, Deus é uma figura de que suscita questionamentos acerca de seu silêncio e de sua presença, bem como daquilo que ela interpreta como vingança, maldade e bravura. A análise também busca compreender como a narradora constrói e questiona as representações de Deus, considerando que o encontro com essa divindade e a possibilidade de uma experiência mística com o próprio ser emergem de uma situação banal do cotidiano.

METODOLOGIA

A partir de uma abordagem interpretativa, de caráter bibliográfico, realiza-se a análise do conto Perdoando Deus, de Clarice Lispector, considerando as relações entre a divindade, o vazio existencial e a experiência interior no cotidiano. Nesse percurso, examina-se como um acontecimento aparentemente trivial, a cena de um rato ruivo esmagado, desencadeia um processo de ruptura na percepção da narradora e possibilita problematizar sua relação com Deus e consigo mesma.

A análise fundamenta-se nas discussões sobre a experiência do sagrado, a partir das perspectivas teóricos de Bataille (1993), e nas reflexões de Camargo (2023) sobre a representação de Deus na ficção lispectoriana. As discussões de Magalhães (2012; 2018) contribuem com as relações entre literatura, poesia e sagrado, enquanto Moreira (2011) discute a presença animal na obra de Clarice; Paz (1982) sobre outridade; Deleuze Guattari (2002), acerca do devir e a linha de fuga; e Silva (2016), para refletir sobre modernidade, liberdade e a divindade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Perdoando Deus, de Clarice Lispector e integra o livro *Felicidade Clandestina*, publicado pela primeira vez em 1971. Clarice caracteriza-se pela criticidade e pela ironia com que aborda a experiência humana. Entre as características recorrendo em suas orbas, destacam-se a epifania e o fluxo de consciência, que também se fazem presentes no conto analisado. A narrativa é marcada pela voz da consciência da protagonista, que desenvolve um sentimento maternal por Deus. Esse sentimento, inicialmente associada ao amor e à liberdade, transforma-se em raiva, e logo após a revelação sobre si mesma. Na análise de Camargo (2023) sobre a

ISSN: 2358-8829

obra lispectoriana, a figura de Deus aparece em diversos escritos, seja em situações apelativas/exclamativas, ou para expressar sentimentos/sensações.

Narrado em primeira pessoa, o conto acompanha a protagonista durante uma caminhada por Copacabana, quando vivencia uma experiência de transcendência, descrita como uma forma rara e inominável de liberdade. Nesse momento, ela desenvolve um sentimento materno em relação a Deus e passa a se imaginar como mãe do mundo. Entretanto, ao pisar em um rato ruivo, a experiência é interrompida por um acontecimento que lhe causa repulsa e desencadeia uma epifania. É nesse momento que a figura de Deus aparece na história, causando-lhe terror. "Então era assim?, eu andando pelo mundo sem pedir nada, amando de puro amor inocente, e Deus a me mostrar o seu rato? *A grosseria de Deus me feria* e insultava-me. *Deus era bruto*" (Lispector, 2016, p. 405, grifo nosso).

A cena não se limita à representação do conflito entre a narradora e a divindade, mas também evidencia a possibilidade de uma experiência interior desencadeada por um acontecimento cotidiano. A presença do rato morto, inicialmente percebida como algo repulsivo, passa a adquirir um sentido que ultrapassa sua materialidade, pois a narradora interpreta o episódio como uma manifestação da brutalidade divina. A partir de uma experiência em que se sentia livre e se imaginava mãe do mundo, ela começa a questionar a presença de Deus, caracterizando-o como vingativo e cruel. Esse questionamento também está relacionado à inversão da posição que ela ocupa diante da divindade, ao se imaginar como mãe de Deus, a personagem sai da relação comum entre criatura e criador e interroga a possibilidade de oferecer a Deus um afeto maternal.

A presença do rato representa esse limiar da figura feminina, que em um primeiro momento, reconhece sua grandeza e liberdade ao caminhar pelas ruas de Copacabana e ao desenvolver um sentimento maternal por Deus. Em um segundo momento, porém, essa experiência é interrompida pelo encontro com o animal, que desencadeia uma mudança na percepção da narradora. É em um momento trivial do cotidiano que ela começa a questionar a figura divina onipotente, mas, principalmente, a forma como lida consigo mesma, por meio do reconhecimento de si: talvez eu tenha que chamar de "mundo" esse meu modo de ser um pouco de tudo" (Lispector, 2016, p. 406). A passagem demonstra a dificuldade de definir a própria existência a partir de uma identidade só, relacionando a percepção de si como um sujeito múltiplo.

De acordo com Benjamin Moser (2016), biógrafo e organizador da obra de Clarice Lispector, a escritora é reconhecida por sua capacidade de inovar no tratamento de temas por meio de uma nova linguagem, o que pode ser atribuído à influência judaica que recebeu do seu

ISSN: 2358-8829

pai, mas principalmente à necessidade de inventar uma nova tradição. Seus contos podem representar a busca por uma inovação linguística e psicológica na prosa literária. No caso de *Perdoando Deus*, essa dimensão pode ser observada no modo como o acontecimento cotidiano desencadeia questionamentos sobre a figura de Deus e acerca da própria existência, trazendo para o episódio do rato uma dimensão que ultrapassa a materialidade.

Outro aspecto frequentemente trabalhado em suas produções refere-se ao misticismo judaico-cristão e à questão espiritual: "procurava a divindade por meio da reordenação das letras, da repetição de palavras [...] da busca por uma lógica diferente da racional" (Moser, 2016, p. 22). É justamente isso que o conto elucida, a figura divina é refletida pela presença desse rato, o que pode ser visto como ilógico, constitui uma estratégia de elaborar o personagem de forma a demonstrar outra faceta do Todo-Poderoso: a vingança.

O silêncio em torno da figura de Deus e os diferentes modos de se relacionar com a divindade, distanciados dos estereótipos mantidos pela tutela religiosa, são características presentes no conto selecionado para análise, mas que também aparecem seguintes produções lispectorinas: *A paixão segundo G.H* (1964), *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres* (1969), *Água viva*, (1973) e *A hora da estrela* (1977). Nessas produções, é possível notar que o aparecimento de Deus muitas vezes se dá pela relação com comportamentos humanos, mas também pela reinvenção de múltiplas identidades para essa figura divina

O silêncio da divindade é um aspecto recorrente em sua obra, na qual Deus é colocado como um personagem que surge em momentos banais do cotidiano da protagonista, embora esse surgimento esteja relacionado a situações de vazio e devaneio (Camargo, 2023). Vale ressaltar que a presença do divino também é um meio de demonstrar o poder desse todo poderoso, mas principalmente, de pensar Deus como um devir. Na ficção lispectoriana, temos acesso à uma criação de Deus distante da tutela e dos fundamentos religiosos, o que diferencia da concepção de uma identidade estável e fixa dessa divindade. Sua imagem está ligada a uma potência transformadora, ao tornar-se, ao devir (Camargo, 2023).

A identidade de Deus, compreendida a partir da noção do devir discutida por Deleuze e Guattari (2002), está relacionada à ideia de linha de fuga, entendida como uma saída de território de forma simbólica de determinado território, uma vez que desvincular a imagem divina da crença e dos rituais religiosos significa retirá-la das políticas de identidade. Nesse caso, a identidade de um Deus onipotente, Todo-Poderoso é desestabilizada pela representação de uma divindade bruta e grossa, que age de forma vingativa contra essa figura feminina. Nesse sentido, a linguagem literária não se limita à reprodução ou à imitação das representações do

ISSN: 2358-8829

divino vinculadas à religiosidade. A forma como a protagonista descreve o personagem Deus distancia-se do pensamento dominante, como pode ser percebido no excerto abaixo:

> Mas que vingança poderia eu contra um Deus Todo-Poderoso, contra um Deus que até com um rato esmagado podia me esmagar? [...] Na minha vontade de vingança nem ao menos eu podia encará-lo, pois eu não sabia onde é que Ele mais estava, qual seria a coisa onde Ele mais estava e que eu, olhando com raiva essa coisa, eu O visse? No rato? Naquela janela? Nas pedras do chão**? Em mim é que é que ele não estava mais. Em mim é que eu não O via mais [...] vou espalhar isso que me aconteceu, dessa vez não vai ficar por isso mesmo, vou contar o que Ele fez, vou estragar a Sua reputação**" (Lispector, 2016, p. 405-406, grifo nosso).

Essa forma de se referir-se à divindade revela a imagem de um Deus multifacetado. É como se essa divindade se estabelecesse como um devir (Deleuze; Guattari, 2002), tendo em vista que a identidade de Deus estaria relacionada a essa potência transformadora, do vir a ser, não sendo, portanto, permanente e estável, conforme a concepção cristã tradicional. Isso fica evidente no conto selecionado para análise, em que Deus aparece como um ser absoluto que provoca sentimentos de vingança e a ojeriza na narradora. A figura feminina, por sua vez, interfere em sua reputação ao relevar o que considera ser o segredo sobre as diferentes identidades dessa identidade. Para Bataille (1993), essa divindade é um ser dualístico, pois, ao mesmo tempo em que cria a luz, cria as trevas. Essas zonas fronteiriças são tênues, pois a penumbra e a obscuridade também podem coexistir com a luz.

Outra questão percebida no excerto acima se refere à ausência da figura divina, pois, seja representada por meio de sua vingança, a protagonista não consegue acessá-la. Todo o conto é narrado em primeira pessoa, sem a presença de diálogos diretos, sendo representado apenas pela perspectiva da protagonista, que expõe seus próprios pensamentos acerca de Deus. Com isso, ela começa a questionar quais os espaços que Ele habita: seria o rato? As janelas? As pedras no chão? A protagonista afirma, então, que esse Deus, tal como se apresenta, bravo, vingativo, grosso, não faz parte dela.

Com isso, notamos como a presença do rato influencia na mudança de perspectiva da protagonista, que, inicialmente, desenvolve um sentimento inominável, fugaz e surpreendente pelo divino: "Sei que se ama ao que Deus. Com amor grave, amor solene, respeito, medo e reverência. Mas nunca tinham me falado de carinho maternal por Ele" (Lispector, 2016, p. 403). Logo após, ela se vê invadida pelo sentimento de medo e raiva. A figura do rato ruivo marca a divisão do enredo nesses dois principais momentos, e sobretudo, a mudança de perspectiva da protagonista em relação ao divino. No decorrer da narrativa, ela aceita a figura de Deus como uma parte contrária do próprio ser, conforme se observa na passagem a seguir:

ISSN: 2358-8829

> Enquanto eu imaginar que "Deus" é bom só porque eu sou ruim, não estarei amando a nada: será apenas o meu modo de me acusar. Eu, que sem nem ao menos ter me percorrido toda, já escolhi amar o meu contrário, e ao meu contrário quero chamar de Deus [...] Porque enquanto eu amar a um Deus só porque não me quero, serei um dado marcado, e o jogo de minha vida maior não se fará. Enquanto eu inventar Deus, Ele não existe (Lispector, 2016, p. 406-407).

Parece haver nessa personagem uma certa dualidade, o momento em que se enxerga como mãe de Deus representa um momento de liberdade, ainda que efêmera. Entretanto, ao pisar no rato esmagado, inicia-se uma jornada de questionamentos acerca da figura prepotente do divino e de si mesmo, enquanto sujeito vulnerável. Na discussão referente à experiência do sagrado, recorremos à noção de *Outridade*, termo utilizado por Octávio Paz para discutir como o sujeito pode experienciar o encontro com o outro como uma forma de reconhecer a si mesmo. A experiência com o Outro, aquele que lhe parece estranho e distante, é o que possibilita a vivência com o radical, e principalmente, o que oportuniza o desvelamento de si.

De acordo com Magalhães (2018) essa é uma forma de pertencimento à natureza, mas também de conquista do desvelamento, haja vista que se trata das manifestações íntimas do sujeito. Tudo aquilo que se encontra reprimido e omitido pelas tutelas institucionais vem à tona a partir dessa experiência de outridade. Essa vivência está relacionada as devires do ser humano enquanto ser multifacetado, diante de suas contradições, desafetos, amarguras. É o que se observa na experiência da protagonista, no seguinte trecho: "Talvez eu não possa amar o rato enquanto não olhar sem lividez esta minha alma que é apenas contida" (Lispector, 2016, p. 406). Ao discutir o termo outridade, Octávio Paz, no seu livro *O Arco e a Lira*, afirma que:

> Todos estamos sós porque todos somos dois. O estranho, o outro, é nosso duplo. Às vezes tentamos segurá-lo. Às vezes ele nos escapa. Não tem rosto nem nome, mas está sempre ali, encolhido [...] O ouro está sempre ausente. Ausente e presente [...] O homem anda desamparado, angustiado, buscando esse outro que é ele mesmo [...] nunca tínhamos visto esse rosto e ele já se confunde com nosso passado mais remoto. É a estranheza total e a volta a algo que não admite outro qualificativo senão o íntimo (Paz, 1982, p. 162).

No conto lispectoriano, é por intermédio da "presença" do divino materializado no aparecimento do rato esmagado, que a protagonista reconhece a si mesma, acolhendo a ambiguidade do seu ser. É importante salientar que o que a estranheza que sente diante da visão do rato representa uma tentativa de aceitar o seu contrário, que por sua vez, ela também chama de Deus.

ISSN: 2358-8829

> Espantava-me que um rato tivesse sido o meu **contraponto** [..] **Porque o rato existe tanto quanto eu, e talvez nem eu nem o rato sejamos para ser vistos por nós mesmos, a distância nos iguala.** Talvez eu tenha que aceitar antes de mais nada esta **minha natureza** quer a morte de um rato [...] **talvez eu não possa olhar o rato enquanto não olhar sem lividez esta minha alma que é apenas contida.** Talvez eu tenha que chamar de "mundo" esse meu modo de ser um pouco de tudo. Como posso amar a grandeza do mundo senão posso amar o tamanho de minha natureza**? Enquanto eu imaginar que "Deus" é bom só porque eu sou ruim, não estarei amando a nada: será apenas o meu modo de me acusar** [...] Já escolhi amar o meu contrário, e **ao meu contrário quero chamar de Deus** (Lispector, 2016, p. 406-407, grifo nosso).

Buscando analisar a função que o rato ruivo exerce na narrativa, compreendemos que a inserção da figura animal também é uma característica frequente na obra lispectoriana, sobretudo, quando o animal aparece em contato com os seres humanos, como em *Uma galinha* (1952), *O búfalo* (1960), *Macacos* (1973). De acordo com Moreira (2011), o tratamento de temáticas relacionadas ao zoomorfismo na obra lispectoriana é um modo de desconstruir identidades, no que se refere à imagem humana, utilizando dos aspectos simbólicos e representações em torno da imagem animal.

No caso do conto *Perdoando Deus*, em específico, é importante notar que a vingança desse Deus é realizada por meio da presença do rato esmagado enquanto a protagonista caminhava nas ruas de Copacabana. No desenrolar da narrativa, o rato ruivo é o principal motivo do conflito na trama, tendo em vista que é a partir do aparecimento dele que a imagem divina se transforma negativamente: "Em menos de um segundo estava eu eriçada pelo terror de viver, em menos de um segundo estilhaçava-me toda em pânico, e controlava como podia o meu mais profundo grito" (Lispector, 2016, p. 204)

No aspecto racional e real, o rato causa-lhe repugnância e temor, como normalmente é visto pela sociedade. No entanto, no que se refere ao aspecto subjetivo, o aparecimento do rato esmagado, justamente quando estava imersa na noção de liberdade e na posição de autoridade proporcionada pelo sentimento maternal em relação à figura divina, representa também o aparecimento da figura divina por meio da vingança. Chevalier e Gheerbrant (2009) no dicionário de símbolos, trazem o significado do rato como:

> Esfomeado, prolífico e noturno como o coelho, o rato poderia, a exemplo desse outro roedor, ser o tema de uma metáfora galante, se não aparecesse também como uma criatura temível, até infernal. **É pois um símbolo ctônico**, que desempenha um papel importante na civilização mediterrânea, desde os tempos pré-helênicos, associado com frequência à serpente e a toupeira. [...] **Vê-se que, na simbologia, o mesmo papel destrutor que os ratos possuem podem justificar duas aplicações diferentes: a utilização dessa sua característica para se obter uma vingança,** ou sua eliminação, para propiciar uma bem-feitoria (Chevalier; Gheerbrant, 2009, p. 170).

ISSN: 2358-8829

O rato provoca um adoecimento da alma da protagonista, por meio da descrença na imagem de um Deus construído pela religião. Possivelmente, há um intertexto entre a figura do rato no conto lispectoriano e Apolo, na *Ilíada*, evocado com o nome de Esminteu, que possui uma simbologia dupla: o rato que espalha a peste, mas que de modo oposto protege as colheitas agrícolas dos ratos (Chevalier; Gheerbrant, 2009). Além de ser utilizado como instrumento de vingança contra a protagonista que se sentia livre, o rato também corrobora para que ela mergulhe no que há de mais íntimo em seu ser.

> É porque sou muito possessiva e então me foi perguntado com alguma ironia se eu também queria o rato para mim [...] eu, que jamais me habituarei a mim, estava querendo de que o mundo não me escandalizasse. Porque eu, que de mim só consegui foi me submeter a mim mesma, pois sou tão mais inexorável do que eu, eu estava querendo me compensar de mim mesma com uma terra menos violenta que eu (Lispector, 2016, p.407).

É nessa compreensão de si em relação ao mundo que surgem os questionamentos em torno da figura divina tutelada pela religião. Conforme apontam Chevalier e Gheerbrant (2009), trata-se de um Deus que não é encontrado em espaços considerados como religiosos e que não depende dos rituais e dogmas da religião judaico-cristã. Nesse sentido, distante das instituições religiosas, a figura divina é apresentada com características humanas, marcadas pela dualidade e pela ambiguidade do ser. Nessa prosa lispectoriana, a existência de Deus depende da construção realizada pela personagem feminina, que, por sua vez decide nomeá-lo como o contrário do que habita nela.

> É porque ainda não sei ceder [...] É porque no fundo eu quero amar o que eu amaria – e não o que é. É porque ainda não sou eu mesma, e então o castigo é amar um mundo que não é ele. É porque eu me ofendo à toa. É porque talvez eu precise que me digam com brutalidade, pois sou muito teimosa (Lispector, 2016, p. 406).

Nesse excerto, podemos notar que, a partir do momento epifânico em que a protagonista pisa no rato esmagado, ela começa a reconhecer os seus possíveis “defeitos”, aquilo que posteriormente passa a considerar como parte contrária de si. Nesse sentido, é possível perceber que as características negadas e/ou omitidas ao longo de sua trajetória, reaparecem em função da crise de identidade vivenciada em sua relação com essa divindade. A figura de um Deus vingativo, bruto e grosseiro é utilizada como caminho para que ela também aceite o que há de negativo em si.

ISSN: 2358-8829

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo assim, a partir da análise do conto *Perdoando Deus*, tivemos como objetivo perceber como se dá a relação entre a linguagem literária e a experiência com o sagrado. Nesse sentido, notamos que a escrita literária lispectoriana é uma forma de o sujeito lidar com uma temática presente desde o início dos séculos: a questão do divino, que ao se apresentar distante das tutelas institucionais, revela a dimensão do ser, reconhecendo as suas dualidades. Sobretudo, elucida a parte sombria, negativa e vingativa da figura que é enxergada apenas como soberano, Todo-Poderoso e misericordioso.

Também tivemos como objetivo identificar como a experiência do sagrado pode ser realizada sem, necessariamente, estar ligada à uma dimensão religiosa. Tendo em vista que a protagonista do conto vive a experiência transcendente, de encontro consigo mesma, em contato com a profundidade do seu ser, em um dia comum, enquanto caminhava por Copacabana. Com isso, foi possível demonstrar que as representações em torno de Deus são construídas a partir de identidades múltiplas, distantes dos estereótipos mantidos pelas religiões cristãs.

Palavras-chave: Perdoando Deus; Clarice Lispector; Divindade.

REFERÊNCIAS

BAUDELAIRE, C. **Sobre a modernidade.** Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1996.

BATAILLE, G. **Teoria da Religião.** São Paulo: Editora Ática, 1993.

CAMARGO, M. S. O Deus em Clarice Lispector / The God in Clarice Lispector: má teologia, mística ou filosofia da história? / bad theology, mysticism or philosophy of history?. **Nau Literária**, [S. l.], v. 19, n. 01, p. e–129267, 2023. DOI: 10.22456/1981-4526.129267. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/NauLiteraria/article/view/129267. Acesso em: 16 jun. 2024.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos.** 23. ed. São Paulo: Editora José Olympio, 2009.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Kafka**: para uma literatura menor. Tradição e prefácio Rafael Godinho, 2002.

LISPECTOR, C. Perdoando Deus. *In*: LISPECTOR, C. **Todos os contos**. Organização de Benjamin Moser. Rio de Janeiro: Rocco, 2016, p. 403-407.

MAGALHÃES, A. C. Religião na obra de Octávio Paz: reflexões sobre a relação entre poesia, religião e modernidade. **Revista Sociopoética**, Campina Grande, n. 2 0, v. 1, jan./jun., 2018, p. 17-34.

MAGALHÃES, A. C. M. **Religião**: crítica e criatividade. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

MOREIRA, A. L. **A hora dos animais no romance de Clarice Lispector**. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011. Disponível em: http://hdl.handle.net/1843/ECAP-8EYJG9. Acesso em: 13 de ago. 2026.

PAZ, O. **O Arco e a lira.** Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

SILVA, R. O. Kant e Kafka diante da lei e da kalumnia. **Kínesis-Revista de Estudos dos Pós-Graduandos em Filosofia**, v. 8, n. 16, p. 207-218, 2016. Disponível em: https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/kinesis/article/view/6426. Acesso em 17 de ago. 2026

TUGENDHAT, E. Nietzsche e o problema da transcendência imanente. **ethic@-An international Journal for Moral Philosophy**, v. 1, n. 1, p. 47-62, 2002. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/ethic/article/view/14535/13308. Acesso em 20 de ago. 2026.